

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: *Avá-Canoeiro 15*

Data: *04.10.73*

Pg.: _____

Avá-canoeiros, o próximo objetivo

São Paulo (Sucursal) — A tribo dos avá-canoeiros, que sertanistas procuram sem êxito atrair há três anos, vive na região do Araguaia, Goiás, desde as primeiras décadas do século XVII, há mais de 300 anos. A Funai, agora, quer aproximação urgente. Cerca de mil pessoas — negros escravos recém-

chegados da África àquela época e índios carijós pacificados, abandonaram a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera, e irmanados fundaram uma das mais curiosas civilizações de que se tem notícia, com a junção de grupos étnicos distintos e sem quaisquer rezes comuns.

Um pouco de história

Em 1820, dois grandes sertanistas, Antônio Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva, pai do Anhanguera, organizaram duas expedições e partiram nesse mesmo ano de São Paulo de Piratininga. Marchando em direções diferentes, as expedições terminaram por alcançar os atuais Estados de Mato Grosso e Goiás. Campos Bicudo viajou em companhia de seu filho Antônio Pires Campos, de 12 anos, o mesmo acontecendo com Bartolomeu Bueno da Silva, que levou consigo Bartolomeu Bueno da Silva Filho, mais tarde consagrado pela alcunha de Anhanguera, pelos índios.

Os dois sertanistas se encontraram numa região até hoje desconhecida mas que se admite tenha sido o Norte de Mato Grosso. Antônio Campos Bicudo convenceu Bartolomeu Bueno a fazer o caminho da volta por um local que ele conheceu na expedição, onde se podia sentir em toda a sua tristeza e grandeza o martírio

A fuga dos escravos

A expedição tomou o rumo do Brasil Central e atingindo Goiás foi alcançar o interior de Mato Grosso. Lá se encontrou com Pascoal Moreira, que fundaria Mato Grosso na altura do rio Cochimbo, hoje Cuiabá. Bartolomeu Bueno da Silva, cuja queima de álcool levou os índios a dar-lhe o apelido de Anhanguera, trazia consigo cerca de 600 civilizados, uns 400 índios carijós e um grande contingente de negros, recém-chegados da África.

De Mato Grosso a expedição subiu em direção à região Norte do País indo alcançar o atual Estado do Maranhão. No curso da expedição foram-se agravando as condições de vida dos índios e negros, que afinal decidiram abandonar Anhanguera e fugir temero-

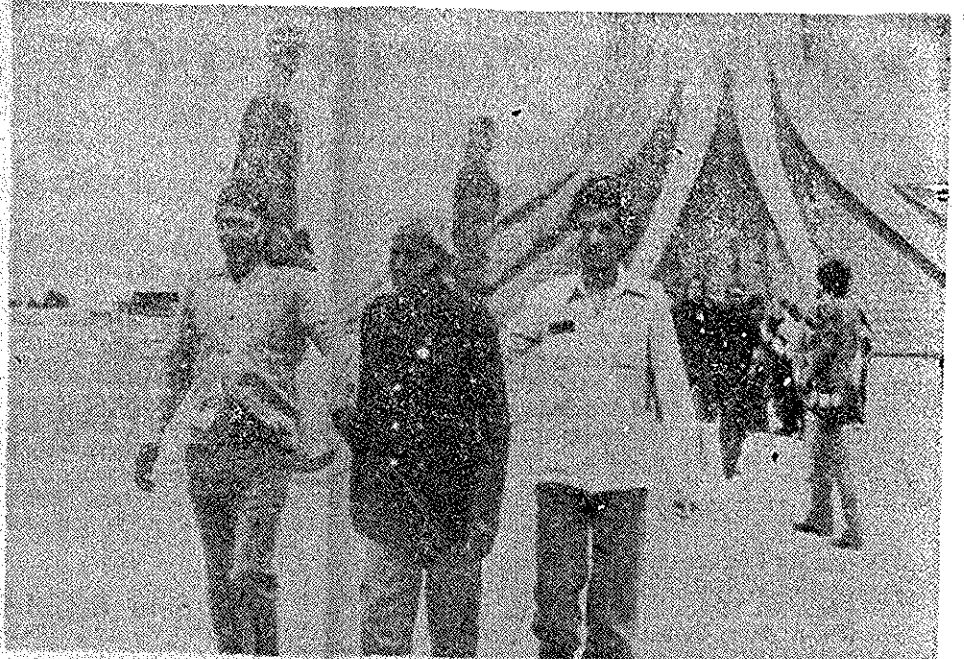
de Cristo, gravado pela natureza nas rochas.

Bartolomeu aceitou a sugestão mas não encontrou em sua jornada de volta as rochas faladas por Bicudo. Mas conheceu um grande rio, o Araguaia, às margens do qual viviam os índios araes, que foram por ele dominados e conduzidos como escravos a São Paulo de Piratininga. No percurso, os índios foram em sua maioria morrendo e deixando para seus captores as peças de metal amarelo que conduziam ao pescoço, ofertadas pelos sertanistas à igreja de Sorocaba. Mais tarde os padres descobririam que aquelas peças eram de ouro. A notícia, divulgada, despertou o interesse de muita gente, já integrada no ciclo de ouro que se iniciava no Brasil. Quarenta anos depois da aventura de Bartolomeu e Bicudo, os filhos deixados pelos dois e educados no desbravamento das terras, fizeram nova expedição percorrendo a mesma trilha de seus pais. Isto aconteceu em 1620.

de uma vingança que lhes parecia certa. Disto resultou a fundação de uma tribo com características inteiramente novas, pois resultante da união de negros e índios, os atuais avá-canoeiros.

Os indígenas, no entanto, conseguiram manter muitas de suas características originais. Hoje, hostis, mestiços e negros, eles resistem à aproximação dos brancos. Nômades, inteligentes, procuram defender sua maneira de vida e poucas vezes se aproximam de núcleos civilizados ou brancos.

A miscigenação, o modo real de vida dos avá-canoeiros, a presença de uma mulher loura entre eles, sequestrada quando criança, tornam ainda mais curiosa e fascinante a presença dessa tribo.



Entre Sibopá e Apoena Meireles, o cacique xavante viu a catedral

Xavantes passam dia em Brasília

O cacique xavante Apoena, seu filho Varodi, e mais Parrôri e Sibopá, que estiveram no Rio visitando o túmulo de Francisco Meireles, conheceram Brasília ontem, mas não se impressionaram com a arquitetura da cidade: acharam tudo igual, "como o Rio de Janeiro."

Encontraram-se ontem com o sertanista Apoena Meireles (que leva o nome do cacique, homenagem de Francisco a seu amigo xavante) e visitaram a Catedral e a Praça dos Três Poderes.

ORGULHO MANTIDO

Os xavantes estão hospedados na Casa do Ceará, que mantém convênio com a Funai para alojar índios de passagem pela capital. Hoje mesmo retornarão à sua aldeia na Reserva Pimentel Barbosa, batizada com o nome do engenheiro que, em 1941, tentou se aproximar deles e foi morto.

A tribo só foi pacificada em 1946 por Francisco Meireles. Ainda hoje é um povo valente e orgulhoso, que tem conquistado — mais do que conseguiu — os benefícios da Funai. Depois de muitos atritos com os brancos, acabaram obtendo a decretação de cinco reservas em torno de suas aldeias e campos de caça.

Os xavantes não falam português; Sibopá diz algumas palavras e compreende melhor os homens brancos. Ontem, muitos jornalistas rodearam os quatro índios e os levaram a vários lugares para tirar fotografias. A certa altura, Sibopá, aborrecido, disse em dom português: "Não está bem." E retirou-se, com os demais.

Funai interdita terra em vez de criar reservas

Brasília (Sucursal) — A Funai anunciou que pretende modificar sua política na área da Perimetral Norte, determinando interdição de terras em lugar de criar novas reservas ou parques indígenas e confirmou sua intenção de reduzir em quase um terço o traçado do Parque do Aripuanã.

A interdição de terras, que tem validade por dois anos, será uma etapa a se cumprir antes da criação da reserva, segundo um diretor do órgão, porque neste período será examinada a exata necessidade de terra do índio e sua compatibilização com propriedades privadas que surjam próximas às aldeias.

Críticas

Com apenas três anos de existência, a delimitação do Parque do Aripuanã sofrerá sua primeira redução em decorrência do avanço das frentes colonizadoras e, principalmente, de empresas mineradoras, que querem explorar a cassiterita de Rondônia.

A Funai esclareceu que decretará, simultaneamente, a interdição das áreas onde estão outros grupos tribais.

— E futuramente, se houver necessidade, poderão ser criados até novos parques próximos ao Aripuanã — disse um dirigente da Funai.

Alguns indigenistas, contudo, não acharam convincentes as explicações da Funai e argumentaram que "a descontinuidade administrativa acabará por deixar sem terra os índios que estiverem fora da área do parque." Acrescentaram que a "interdição só tem valor por dois anos e, quando o prazo se expirar, os índios serão obrigados a se deslocar para o interior do parque dentro de seus novos e reduzidos limites."

Mudança

Para evitar problemas como os que está enfrentando nas reservas dos xavantes e no Aripuanã, a Funai está decidida a mudar a política relativa à criação de reservas. Até agora, a política seguida pelos indigenistas aconselha a decretação de reserva quando há apenas um grupo indígena e de parque quando são vários os grupos.

A decretação é feita tão logo se constate a presença de índios em terras supostamente inexploradas. Mas como este procedimento vem causando problemas — nas reservas dos xavantes os fazendeiros de Mato Grosso reclamam a posse de terras e no Aripuanã são as mineradoras que pretendem explorar o subsolo — a Funai tentará cociliar os interesses em choque.

Primeiramente será decretada a interdição, independente da riqueza do subsolo ou dos títulos de posse pré-existentes. A Funai terá então dois anos para estudar o assunto.

Ao todo, quatro parques — Aripuanã, Xingu, Araguaia e Tumucumaque — e 17 reservas estão ameaçados ou já sofreram os efeitos deste remanejamento. O Parque do Xingu foi cortado pela BR-80 (Brasília—Manaus) e desmembrado de sua região Norte.

Ontem, o sertanista Apoena Meireles observou que o Parque do Xingu "só não atravessou problemas mais graves porque em seu subsolo não foram descobertos ainda minerais importantes, senão a cobiça dos mineradores, exploradores e garimpeiros já teria chegado lá."

O Parque Nacional do Araguaia é formado por toda a ilha do Bananal, que, no momento, não sofre nenhuma espécie de ameaça "desenvolvimentista." Mas lá existe um mal semelhante: desde a década de 50 há na ilha um hotel de turismo que torna os índios carajás objeto de curiosidade dos brancos, que lhes oferecem cigarros, bebidas, dinheiro e até álcool. Além disso, a presença de outros núcleos urbanos do outro lado do rio Araguaia resultou em contatos prejudiciais para os carajás, que hoje já abandonaram seus costumes tribais e vivem em completa inércia, dependentes do homem branco.

O quarto parque indígena administrado pela Funai, o Tumucumaque, próximo às Guianas, será cortado em breve pela Perimetral Norte e os índios serão fatalmente atraídos pela construção da estrada.

Parques e reservas

Até recentemente, a Funai examinava a possibilidade de criar mais dois parques indígenas, ambos no rumo da Perimetral Norte. O projeto Parque Yanomani abrangia os waikás e yanomamis entre Amazonas e Roraima; e o Parque do Itul, no Amazonas, deveria abrigar marubos, maiorunas, katukinas, e kulinas. Falou-se ainda de um parque para os índios anapari, no Amapá. Mas não há confirmação sobre a iniciativa.

A Funai administra 17 reservas: atroaris-waimiris, parakanãs, kararés, nhambiquaras (a ser criada em Mato Grosso), parecis, irantxes, erigpactas, tapalunas, aplacás, alabís, karitianas, xerentes e cinco reservas xavantes: Couto Magalhães, Pimentel Barbosa, Areões, Sangradouro e São Marcos, todas em Mato Grosso.

As reservas atravessam problemas idênticos aos dos parques. Onde há riquezas, os índios têm que enfrentar a cobiça de grupos mineradores ou garimpeiros. É o que ocorre hoje nas reservas dos xavantes, ainda em luta com os fazendeiros da região, e entre os irantxes, cujas terras estão ameaçadas de venda por um ex-Prefeito de Diamantino, atual dono de cartório desse município de Mato Grosso.